

hora zero

clive cussler e graham brown

Tradução de José Manuel Lopes



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

Prólogo



18 DE ABRIL DE 1906

CONDADO DE SONOMA A NORTE DA CALIFÓRNIA

UM ESTRONDO SACUDIU A CAVERNA ESCURA QUANDO UMA ENORME FAÍSCA azul e branca saltou entre duas altas colunas de metal. Em vez de se esvaír, a carga cintilante dividiu-se em duas e as torrentes gémeas de plasma começaram a rodear a sua coluna respetiva. Moveram-se como chamas que perseguissem o vento, revolteando em torno das colunas e serpenteando para cima, até atingirem a parte inferior de uma cúpula metálica. Uma vez aí, entrelaçaram-se uma na outra, como os braços de uma galáxia em espiral, juntando-se uma vez mais, antes de desaparecerem num clarão capaz de cegar.

Seguiu-se a escuridão.

O ozono permaneceu no ar.

No chão da caverna, um grupo de homens e mulheres manteve-se sem se mexer, encandeados pelos acontecimentos. O clarão fora impressionante, mas todos eles já tinham visto eletricidade e todos esperavam mais alguma coisa.

— É tudo? — inquiriu uma voz ríspida.

Estas palavras foram proferidas pelo general brigadeiro Hal Cortland, um homem forte e atarracado, e dirigiam-se a Daniel Watterson, um indivíduo franzino de trinta e oito anos, de cabelo louro e de óculos, que se encontrava junto aos controlos do enorme aparelho de onde proviera o clarão.

Watterson examinava um conjunto de indicadores. — Não tenho a certeza — murmurou para consigo. Ninguém chegara tão longe, nem mesmo Michael Faraday ou o grande Nikola Tesla. Contudo, se Watterson não se tivesse enganado, se os seus cálculos e a sua teoria, desenvolvida ao longo de anos como aprendiz de Tesla, o tivessem levado a perceber o que estava prestes a acontecer, o espetáculo de luz que eles tinham acabado de presenciar seria apenas o começo.

Desligou a alimentação elétrica principal, afastou-se dos controlos e retirou os óculos com aros metálicos. Apesar da escuridão, conseguia vislumbrar um ligeiro brilho azulado vindo das colunas. Levantou os olhos para a cúpula acima. Uma tonalidade efervescente podia observar-se a percorrer o seu lado interior.

— Então? — perguntou Cortland.

De volta, na consola, uma das agulhas ergueu-se. Watterson observava-a pelo canto do olho.

— Não, general — avisou ele, rapidamente —, não me parece que tenha terminado.

No momento em que Watterson falou, um rumor baixo percorreu a caverna. Parecia tratar-se de pedregulhos a caírem numa pedreira distante, com um som distorcido e abafado, como se a vibração tivesse de atravessar quilómetros de rocha sólida para chegar até eles. Elevou-se durante alguns segundos e, em seguida, diminuiu e cessou.

O general começou a rir-se e ligou uma lanterna de pilhas. — O Tio Sam não vai pagar para fogos de artifício que não funcionam, meu rapaz.

Watterson não respondeu. Estava à escuta de qualquer coisa, algo que lhe pudesse chegar nesse momento.

O general parecia ter desistido. — Vamos lá, rapaziada — observou ele —, acabou-se a festa. É hora de sair deste buraco de toupeira.

O grupo começou a movimentar-se. Os passos e os comentários entre dentes tornavam impossível a escuta.

Watterson levantou a mão. — Por favor! — avisou ele, em voz alta. — Fiquem todos onde estão!

Os observadores pararam onde se encontravam e Watterson inclinou-se um pouco até onde as colunas de aço penetravam no solo rochoso. Daí desciam mais cento e cinquenta metros «para se agarrarem bem à Terra», como Tesla chegou a afirmar.

Pondo a mão numa das colunas, Watterson sentiu uma vibração fria que lhe percorreu o corpo, como se ele se tivesse tornado parte do circuito.

Não era dolorosa como a eletricidade e não lhe causava espasmos musculares, nem sequer se canalizava para o solo para o eletrocutar. Tinha um efeito quase calmante, deixando-o um pouco tonto, mesmo até ligeiramente eufórico.

— Está a chegar — murmurou ele.

— Que é que está a chegar? — perguntou o general.

Watterson olhou para trás. — O retorno.

Cortland esperou alguns segundos até comentar de um modo trocista: — Vocês, os cientistas, são como pregoeiros em busca de clientes numa feira: pensam que se disserem uma coisa bastante alto, nós começamos a acreditar. Mas eu não ouço nenhuma...

O general engoliu as palavras logo que um estrondo profundo se fez sentir. Surgiu através da caverna, dessa vez com mais ênfase, e o brilho em volta das altas colunas intensificou-se, pulsando e igualando do mesmo modo as ondas sonoras.

Dessa vez, quando as ondas se deixaram de ouvir, todos ficaram imóveis. Estavam à espera de mais. Quarenta segundos mais tarde, deram-se conta do que se passava. Uma terceira onda percorreu a caverna, como se um comboio de mercadorias estivesse a passar. Abanou o chão e provocou um remoinho de luz na superfície polida da cúpula. A espiral visível de energia começou a descer pelas colunas, ficando a meio caminho do chão antes de desaparecer.

Watterson deu alguns passos atrás, desviando-se da zona de perigo.

Instantes mais tarde, uma quarta reverberação irrompeu pela caverna. As colunas chamejaram, com clarões de luz a saltarem para trás e para a frente entre elas. A caverna começou a ser sacudida. Pó e pequenos pedaços de pedra caíram sobre eles, fazendo com que os presentes procurassem abrigo.

Watterson reparou que o general Cortland estava banhado em luz e sorria como um maníaco. Os papéis tinham-se invertido. Agora era Cortland que parecia satisfeito quando Watterson se começara a preocupar. O cientista dirigiu-se ao painel, voltou a pôr os óculos e começou a examinar o aparelho. Não se conseguia aperceber de onde viera a vibração.

Antes de poder determinar o que quer que fosse, ocorreu uma quinta onda. A vibração e a luz artificial tornaram-se tão intensas que até mesmo o general se deu conta de que havia algo que não estava a correr bem. — Que está a acontecer?

Watterson mal o conseguia ouvir, mas estava a perguntar-se a mesma

coisa. Os indicadores de energia, que permaneciam todos sem sinais momentos antes, estavam a atingir as linhas vermelhas.

Um breve intervalo deu lugar a um sexto retorno, e as agulhas saltaram da escala. O tremor era insuportável. Havia pedras a cair do teto. Uma fenda enorme começou a ziguezaguear através da parede reforçada da caverna, que o exército estabilizara com cimento. Watterson teve de se agarrar ao painel para não cair.

— Que está a acontecer? — repetiu o general. Watterson não tinha a certeza mas não poderia ser nada de bom.

— Levem toda a gente daqui para fora — gritou. — Levem-nos já!

O general apontou para o elevador em forma de gaiola que os conduziria através de cento e vinte metros até à superfície. O grupo correu para ele como um rebanho desorientado. Porém, os tremores intensificaram-se e a parede mais distante acabou por ceder antes que eles pudessem entrar.

Abateram-se sobre eles milhares de toneladas de pedra e cimento. Os que estavam demasiado perto foram esmagados instantaneamente. Outros conseguiram escapar mesmo a tempo quando a armação do elevador, semelhante a andaimes, se torceu e foi atirada para o lado.

Watterson começou a entrar em pânico. As mãos saltavam-lhe por cima dos controlos, ligando interruptores e batendo nos indicadores. A vibração era constante. O som, ensurdecedor.

Cortland agarrou-o pelo ombro. — Desligue isso!

Watterson ignorou-o. Estava a tentar perceber o que se passava.

— Será que não me ouviu? — gritou o general. — *Desligue-me já essa porra!*

— Já está desligada! — tonitruou Watterson, libertando-se da mão do general.

— O quê?

— Tem estado desligada desde a primeira faísca — explicou Watterson.

A última onda soçobrou. No entanto, no painel, conseguia ver a próxima a formar-se. As agulhas saltaram da escala e o rosto de Watterson ficou branco. Cada onda fora maior do que a anterior. Temia imaginar que tipo de energia viria a caminho.

— Assim sendo, de onde vem tudo isto? — inquiriu Cortland.

— De todos os lados à nossa volta — respondeu Watterson. — Era isso que a experiência deveria provar.

A caverna começou a tremer novamente. Dessa vez, a luz não permaneceu apenas em torno das colunas mas saltou em volta de todo o local,

voando para as paredes, para o teto e para o chão. Pedacos de pedra e nuvens de poeira irromperam no espaço aberto.

Entre os gritos e o pânico, Watterson encontrava-se completamente desamparado, com o seu momento de vitória a transformar-se na catástrofe mais completa. Por cima dele, ouviu o sinistro som de rachas a abrirem-se.

Com a caverna a tremer tanto, que eles mal se conseguiam manter de pé, Watterson e o general olharam para cima. Uma fenda escura serpenteava pelo teto. Ia de parede a parede e depois ramificava-se em diferentes direções.

O teto ruiu na sua totalidade e um milhão de toneladas abateu-se sobre eles.

A morte apanhou-os instantaneamente e nem Watterson nem o general Cortland chegaram a ter conhecimento da fúria que tinham desencadeado, ou da devastação completa que o conseqüente terramoto causara na cidade de São Francisco.

1



DEZEMBRO DE 2009

NO MEIO DE UMA TEMPESTADE CRESCENTE, PATRICK DEVLIN ESTAVA NO convés da popa do *Java Dawn*, um rebocador oceânico ligado por um único cabo enorme ao casco enferrujado de um navio de cruzeiro conhecido como *Pacific Voyager*.

Vagas enormes atingiam de lado o rebocador, batendo-lhe contra o casco com o som de tiros de espingarda. A chuva caía em lençóis diagonais, embora fosse difícil distingui-la das gotas de água do mar chicoteadas pelo vento.

Rodeado de equipamentos de reboque e carregamento, incluindo uma grua de quinze metros com um poderoso guincho, Devlin parecia realmente pequeno. Na verdade, tinha quase dois metros de altura e ombros largos, que ele encurvava para o proteger do frio.

Com a barba por fazer a cobrir-lhe a face e pregas de pele bronzeada a descaírem-lhe para os olhos, Devlin parecia ser de facto o velho marinheiro que ele afinal era. Fazendo um balanço da deterioração das condições atmosféricas, da crescente tensão do cabo e do estado do mar, chegou a uma séria conclusão: tinham feito uma péssima escolha ao deixarem o porto, uma a que eles talvez não tivessem a sorte de sobreviver.

Quando Devlin pegou no telefone do navio, outra vaga fez com que o rebocador rodasse fortemente. O capitão atendeu do outro lado.

— Qual é o nosso rumo? — gritou Devlin, no recetor do telefone.

— Vamos para sul — respondeu o capitão.

— Isso não é nada bom — retorquiu Devlin. — Nunca iremos sobreviver a este embate lateral. Temos de nos voltar para as ondas.

— Não podemos, Padi — insistiu o capitão. — Isso colocava-nos na boca da tempestade.

Segurando-se à antepara para não cair, Devlin observou uma onda a rebentar sobre o convés. — Isto é uma loucura — observou ele. — Nunca deveríamos ter deixado Tarakan.

Este era o porto primitivo, quase remoto, onde eles tinham ido buscar o *Voyager*. O velho transatlântico atracara lá há alguns anos, para ser reparado após um acidente. Acabara abandonado quando a linha de navegação a que pertencia faliu vários dias depois.

Em alguma ocasião, o navio fora vendido a um comprador misterioso, mas, por razões desconhecidas, o *Voyager* ficou parado a enferrujar em Tarakan durante mais três anos. Talvez problemas relacionados com a falência e com disputas acerca de quem pagaria as reparações, imaginou Devlin.

Fosse o que fosse, o navio parecia abandonado quando eles o viram, estava coberto de ferrugem da proa à popa, e mal teria condições para navegar. Os danos reparados à pressa, no local onde o cargueiro tinha um buraco, assemelhavam-se a um H dentado junto à proa.

Agora, apanhado por uma tempestade que estava a piorar rapidamente, decerto se iria afundar.

— Como está o cabo? — perguntou o capitão.

Devlin olhou para o cabo grosso que se estendia do guincho gigante na popa até à extremidade traseira do rebocador, para seguir em direção ao *Voyager*. O cabo ficava tenso e esticado com a carga, antes de ficar folgado novamente.

— O cabo está tenso — informou Devlin. — Este balde de ferrugem está a começar a ser atirado de um lado para o outro pelas ondas. Também está a navegar mais baixo. Precisamos de chamar de novo a equipa de inspeção.

Contra a vontade de Devlin, o capitão permitiu que três homens permanecessem a bordo do navio de cruzeiro para verificar se o mesmo não teria aberto rombos. Era perigoso nessas condições e também uma perda de tempo. Se estivesse a meter água, não havia nada que eles pudessem fazer para o impedir e, se o navio se começasse a afundar, como Devlin pensava

ser o caso, teriam de cortar o cabo e deixá-lo ir, antes que ele arrastasse o *Java Dawn* consigo até às profundezas. No entanto, com três homens no velho navio, cortar esse cabo seria a coisa mais parecida com um homicídio que Devlin alguma vez fizera.

O grande reboque inclinou-se e meteu-se na maior vala entre as ondas com que se deparara até então. Ao fazê-lo, o cabo esticou-se tanto que, na verdade, começou a zunir. A tensão puxou a extremidade traseira do rebocador para trás e a água agitava-se em torno do casco, enquanto as hélices lutavam contra a tensão.

Quando o rebocador subiu na crista da vaga seguinte, o *Voyager* deveria ter mergulhado numa depressão pois o cabo de reboque fora puxado para baixo, dobrando-se sobre o aço reforçado da chapa no cadaste do rebocador, forçando a extremidade traseira do convés para dentro da água.

Devlin levantou os binóculos. A ação das ondas tinha um modo de obscurecer a verdade, mas só até certo ponto. O *Voyager* estava definitivamente a navegar mais baixo.

— Está um pouco afundado na proa, capitão. Ligeiramente inclinado para bombordo.

O capitão hesitou. Devlin sabia porquê: o reboque valia uma pequena fortuna, mas não se a outra embarcação não chegasse a bom porto.

— Traga-os para aqui — gritou Devlin. — Pelo amor de Deus, capitão, pelo menos traga para aqui os homens.

Finalmente, o capitão disse: — Já lhes ligámos, Padi. Não estão a responder. Algo não deve ter corrido bem.

As palavras gelaram o coração de Devlin. — Temos de mandar um barco.

— Numa tempestade destas? É muito perigoso.

Como se para dar ênfase a esse facto, outro vagalhão atingiu-os de lado e milhares de litros de água saltaram a amurada, inundando o convés da popa.

O rebocador robusto rapidamente se viu livre da água, porém, momentos depois, outra vaga veio inundá-lo mais drasticamente do que a primeira.

Enquanto o *Java Dawn* recuperava, Devlin olhou em direção ao *Voyager*.

Não havia dúvida de que se estava a afundar. Ou algumas escotilhas tinham sido arrancadas ou a reparação de má qualidade dera de si.

O capitão também deveria ter visto. — Temos de o deixar ir — disse ele.

— Não, capitão!

— Teremos de o fazer, Padi. Solte o cabo. Os homens têm um barco próprio. E não os poderemos ajudar se nos afundarmos.

Outra onda embateu no convés.

— Pelo amor de Deus, capitão, tenha pena deles.

— Corte o cabo, Padi! É uma ordem!

Devlin sabia que o capitão tinha razão. Largou o telefone e deu um passo em direção à alavanca de emergência.

O convés balançou bastante quando outra vaga passou por cima da popa e avançou na direção dele. Atingiu-o como uma onda na praia, derubando-o e arrastando-o.

Quando se levantou, Devlin viu que o cabo estava agora a desaparecer na água. Através da chuva e dos salpicos de espuma, podia ver que metade do navio de cruzeiro se encontrava submerso. Estava a afundar-se rapidamente, mergulhando no abismo e prestes a arrastar o rebocador com ele. A parte de trás da plataforma traseira deste último já estava inundada.

— Padi!

O grito veio do telefone pendurado, mas Devlin não precisava que insistissem mais. Levantou-se, agarrou na alavanca de emergência e baixou-a com toda a força.

Ouviu-se um estalo. O cabo gigante soltou-se e serpenteou pelo convés como uma cobra veloz. O puxão balançou o navio para a frente e para cima, e Devlin foi atirado para a antepara, rachando o lábio e magoando um olho.

Atordoado por momentos, recompôs-se e voltou-se. O velho transatlântico estava a deslizar sob as ondas com um ângulo suave, quase tranquilo. Segundos depois, desapareceu. Os homens que eles aí tinham deixado haviam decerto morrido. Mas o *Java Dawn* estava livre.

Devlin pegou no telefone.

— Dê a volta — pediu ele. — Os homens podem ter caído ao mar.

O convés ajustou-se quando o leme e as hélices direcionais começaram a funcionar. O rebocador deu início a uma curva acentuada e perigosa. Quando acabou de dar a volta, Devlin estava na proa.

Era quase noite. O céu tinha um tom prateado por cima da escuridão do mar. Todo o cenário era tão desprovido de cor que era como estar dentro de um filme a preto-e-branco.

Devlin perscrutou-o mas não viu nada.

Enquanto a escuridão os envolvia, os holofotes do rebocador varreram a área. Sem dúvida, tal como os de Devlin, todos os olhos disponíveis se esforçavam para encontrar os homens, mas em vão.

O *Java Dawn* iria passar as próximas dezoito horas a procurar sem sucesso os seus tripulantes perdidos.

Nunca seriam encontrados no mar.

2



NOS DIAS DE HOJE

SEBASTIAN PANOS ABRIU CAMINHO PELO CORREDOR ESTREITO, COMO UM gato vadio numa viela escura por detrás de uma fileira de restaurantes. O caminho estava molhado e húmido, mais parecido com uma conduta de esgoto do que com um passadiço. A condensação pingava tão persistentemente que ele se perguntava muitas vezes se as águas venenosas, fora do posto submerso, estavam a perpassar através das paredes e a matá-los a todos lentamente.

Contudo, não era tão mau como na ilha, com a notória pedreira no seu centro, onde o trabalho principal era feito. Comparado com esse lugar, o posto era um paraíso. E, ainda assim, Panos tornara-se obcecado a pensar na fuga.

Tratando-se de um engenheiro cipriota de origem mista, grega e turca, Panos fora atraído para esse pesadelo subaquático com a promessa de um grande contrato e dinheiro suficiente para manter a família durante uma geração. Tudo o que bastava eram três anos da sua vida e um segredo absoluto. Ao fim de seis meses, começara a sentir-se desconfortável e, antes que o ano tivesse chegado ao fim, sabia ter cometido um erro terrível.

Pedidos para se ir embora foram-lhe negados. Todas as comunicações eram monitorizadas e frequentemente interrompidas. O menor sinal de protesto resultava em ameaças veladas. *Algo poderia acontecer à sua família se ele não ficasse para completar o trabalho.*

À medida que o projeto se aproximava do fim, Panos e os outros engenheiros eram postos uns contra os outros. Era impossível saber em quem confiar e quem temer, de modo que se recebavam mutuamente, fazendo o que lhes era pedido, e um ano acabou por se alongar em dois.

Durante todo aquele tempo, Panos viveu como um marinheiro confinado num navio. Não tinha outra escolha senão cumprir as ordens do patrão ou perderia a vida, embora tivesse a certeza de que o seu fim chegaria eventualmente. O projeto era tão secreto e sombrio que o seu pensamento lógico lhe dizia que já não haveria testemunhas restantes quando estivesse terminado.

Ninguém sairá daqui com vida, afirmara a brincar um colega de trabalho. Um dia depois, o homem desaparecera, de modo que talvez fosse verdade.

Panos recordou-se da oferta que lhe tinham feito para trazer a família. Não era um homem religioso, mas agradeceu a não importava que deus, destino ou instinto aleatório que o levara a recusar. Outros tinham trazido as famílias. Ele vira-os na ilha, desgraçados e miseráveis, prisioneiros de um modo ainda mais radical do que ele. Sabia que não poderia confiar nessas pessoas. Estas eram as mais fáceis de controlar, pois tinham mais a perder do que as suas próprias vidas. Alguns até tiveram filhos nas profundezas daquele mundo pútrido e tingido de enxofre. Viviam como servos contratados, como escravos que estivessem a construir uma pirâmide moderna.

Panos estava pelo menos livre para *pensar* acerca de uma fuga, embora não tivesse qualquer verdadeira expectativa de a conseguir. Pelo menos até uma nota escrita lhe ter aparecido no cacifo.

Tratava-se do primeiro de uma série de contactos misteriosos de um invisível anjo de misericórdia.

Inicialmente, presumiu tratar-se de uma armadilha, de um pequeno teste para ver se ele iria morder o isco. Mas chegara a um ponto em que já nada lhe importava. A liberdade acenava-lhe. Se viesse através da fuga ou da fria ferroada da morte, ele dar-lhe-ia as boas-vindas de qualquer modo.

Testou a oferta e recebeu mais notas. Estas chegavam-lhe em estranhas ocasiões. A ajuda para escapar ser-lhe-ia disponibilizada, segundo o que as anotações escritas prometiam, mas haveria contrapartidas. Panos teria de levar os planos de uma arma terrível para os entregar a quem pudesse parar o louco que a estava a construir. Arranjara-se um local de entrega. Tudo o que ele tinha de fazer seria chegar vivo ao local.

Com tal objetivo em mente, continuou a descer o passadiço molhado e entrou na sala de mergulho. Já era tarde, já passava da hora de alguém lá poder estar. Usando uma chave, deixada no seu cacifo pelo seu contacto desconhecido, Panos abriu a porta e entrou. Fechou-a e acendeu um candeeiro de mesa.

A sala de mergulho era um retângulo de seis por doze metros com uma câmara de descompressão saliente no centro. Visível, através do vidro espesso de observação, havia uma piscina circular de água escura.

Panos acendeu as luzes da piscina. A água iluminou-se por completo, pois os venenos que a enchiam tornavam-na absolutamente estéril. No entanto, em vez de azul, turquesa ou verde, a água brilhou com uma tonalidade avermelhada, uma cor semelhante à do sangue translúcido.

Respirou fundo. Tudo iria correr bem. O fato de mergulho protegê-lo-ia contra as toxinas. Pelo menos, assim esperava.

Olhou para um quadro branco. Três números tinham aí sido escritos à pressa: 3, 10 e 075. O seu ajudante invisível estivera lá antes dele, tal como lhe prometera.

Panos memorizou os números e depois apagou-os rapidamente. Foi até ao terceiro cacifo e abriu-o. Tinham-lhe aí deixado uma garrafa de oxigénio e um fato de mergulho. Um relógio à prova de água, pendurado no fato, estava já preparado para marcar dez minutos. Era esse o tempo que lhe demoraria a subir, movendo-se a dez metros por minuto, a um ritmo calculado para ajudá-lo a evitar a doença de descompressão. Uma bússola portátil também aí fora deixada. Quando ele voltasse à superfície, olharia para uma orientação: 075 graus. Nessa direção, iria encontrar ajuda.

Uma faca de mergulho seria a sua única arma, caso viesse a precisar dela.

Pôs o relógio no pulso e levou as garrafas para a câmara. Colocou a bússola no bolso e depois verificou duas vezes se a carga que ele prometera transportar (os planos esquemáticos do posto e um disco rígido portátil cheio de dados) estava protegida num recipiente impermeável.

Voltou a empurrá-la para dentro da camisa e agarrou no volumoso fato, sentando-se para o vestir. Antes que ele pudesse colocar uma perna, ouviu-se um clique do outro lado da sala.

Era uma chave na fechadura.

A maçaneta girou e a porta abriu-se. Duas pessoas entraram, conversando entre si.

Por um segundo, não se aperceberam de Panos. Quando tal ocorreu,

pareceram mais confusos e surpresos do que irados. Mas Panos sabia que o fato e as garrafas o denunciariam.

Atacou os homens antes que eles pudessem reagir, balançando a faca de cima para baixo, em direção ao indivíduo mais próximo, e esfaqueando-o no ombro. Este caiu para trás, agarrando Panos e arrastando-o até à secretária. O segundo homem saltou-lhe em cima, pondo-lhe um braço em volta do pescoço.

Panos endireitou-se e forçou-se a recuar até ambos terem colidido com a mesa, caírem no chão e separarem-se.

Estimulado pela adrenalina, Panos foi o primeiro a pôr-se de pé. Deu uma joelhada no rosto do homem e, em seguida, agarrou no candeeiro de mesa e bateu-lhe com ele na testa. O indivíduo caiu no chão e não se voltou a mexer, mas o que foi esfaqueado estava a correr porta fora.

— Não! — exclamou Panos.

Sem nenhuma maneira de barricar a porta e pouco do tempo precioso antes que o alarme começasse a apitar, tomou uma decisão fatal. Deixou o fato de mergulho no chão e entrou na câmara de descompressão. Pressionando um botão, fechou a porta interna e começou a puxar pelo arnês e por um tanque de oxigénio.

Panos sentiu um estalo nos ouvidos quando um ruído sibilante lhe disse que a câmara estava a ser selada e pressurizada. Ainda que a pressão no posto fosse o dobro da atmosfera normal, não era suficiente para impedir que a água inundasse através da piscina. Desse modo, a câmara de descompressão era necessária.

Colocou o capacete de mergulho que estava razoavelmente selado. Certificou-se de que o ar estava a fluir, calçou as barbatanas e entrou na água vermelha e brilhante.

Cercou-o um completo silêncio. Panos nadou para baixo, para longe da luz e na direção do escuro. Ao passar pela beira da estrutura submersa, começou a agitar as pernas para ir para cima. Ou para onde ele pensava que seria o topo.

A cem metros de profundidade, não havia luz. Em breve ficou desorientado. Começou a sentir vertigens, e tinha a impressão de que o corpo estava a fazer saltos mortais ainda que se encontrasse completamente imóvel.

Acender uma luz não lhe adiantou grande coisa. A água vermelha nada lhe revelou. Começou a entrar em pânico, sabendo que os homens do posto não demorariam a segui-lo.

Que fizera ele?

Exalou uma nuvem de bolhas. Quase por acidente, apercebeu-se da direção para onde estas corriam. Panos tinha a impressão de que as bolhas estavam a ir para o lado, mas a sua mente racional sabia que não era esse o caso. As bolhas *só* poderiam estar a mover-se para cima. As leis da natureza não podiam ser alteradas ou distorcidas pelo seu sentido de equilíbrio.

Forçando-se a ignorar o que o seu ouvido interno lhe dizia, começou a seguir as bolhas. Era como se estivesse a nadar para baixo, para o fundo da grande piscina vermelha da morte, em vez de para cima.

Continuou até a sua mente ter começado a aceitar a situação. Sentiu que o equilíbrio começava a voltar ao normal. Exalou mais bolhas e movimentou as pernas com mais força, nadando para a superfície o mais rápido que pôde.

Na sua pressa, Panos esqueceu-se do aviso de dez minutos. Logo que se aproximou da superfície, estava a debater-se com dores. Os joelhos, cotovelos e costas, pareciam-lhe estar todos com câibras.

Apesar da dor, Panos veio à tona e olhou para o céu noturno pela primeira vez em meses. Era azul pervinca. Calculou que estaria quase a anoitecer.

Olhou em redor. Altas paredes cor de areia erguiam-se de todos os lados. Ele nunca as vira antes e nem sequer sabia onde estava. As chegadas e as partidas ocorriam sempre sob sedação. Adormeciam num sítio e acordavam na ilha, ou vice-versa.

Apesar da dor nas articulações, Panos conseguiu retirar a bússola do bolso. Começou a nadar, rumo a 075 graus. O maldito latejar das articulações piorou e foi logo acompanhado por clarões de luz que o cegavam e que pareciam ser-lhe disparados através do cérebro.

Ainda assim, continuou a resistir, rastejando eventualmente para fora da água e para a praia arenosa. Percorreu vários metros antes de chegar a um terraço com uma parede de pedra. Esta não teria mais de três metros de altura, mas poderia muito bem ser uma montanha.

Como poderia ele escalá-la? Não podia. Não naquelas condições. Tentou levantar-se e tombou cheio de dores.

O som de passos a correrem na sua direção sinalizou o seu fim. Porém, quando duas mãos o levantaram, fizeram-no carinhosamente.

Viu um rosto escondido por uma bandana.

— Vieste à superfície muito depressa — observou o homem por detrás da bandana.

— Eu... tive de... — ainda consegui Panos responder. — Eles... deram comigo.

— Deram contigo?!

— Na câmara de descompressão — admitiu Panos.

— Isso significa que já aí vêm.

O ajudante desconhecido agarrou em Panos e arrastou-o até ao cume sem se importar com as suas dores. Levou-o até um SUV que os esperava, atirou-o para a parte de trás e fechou o porta-bagagens.

Panos enrolou-se em posição fetal, enquanto o seu salvador entrava para o banco da frente e girava a chave.

O motor rugiu e, em breve, estavam aos saltos sobre terreno acidentado, com cada impacto a gerar novas ondas de dor. Para Panos, era como se o corpo lhe estivesse a ser, simultaneamente, esmagado e a explodir.

— Estou a morrer — gritou ele.

— Não estás nada — insistiu o motorista. — Mas vais piorar antes de ficares melhor. Usa o regulador. Vais ver que te ajuda.

Panos conseguiu voltar a colocar o regulador de pressão na boca. Mordeu-o e respirou tão profundamente quanto pôde. Mesmo assim, foi atingido por uma nova série de espasmos, enquanto o SUV cambaleava através de terreno irregular.

Panos inclinou a cabeça para mais perto do peito. Parecia aliviar-lhe um pouco as dores que sentia. Deu-se conta de que os dedos e os braços se curvavam para dentro.

— Tens os papéis? — perguntou o motorista. — E o computador?

Panos assentiu com a cabeça. — Sim... Podes dizer-me para onde vamos?

O motorista hesitou, talvez tivesse medo de falar de mais, caso fossem capturados. Finalmente, respondeu: — Para junto de alguém que pode dar uma ajuda, de uma pessoa que pode acabar com esta loucura de uma vez por todas.

3



SYDNEY, AUSTRÁLIA, 19:00 HORAS

KURT AUSTIN SENTOU-SE NUM ASSENTO CONFORTÁVEL A OITO FILEIRAS DO principal palco do Teatro de Sydney, o mais pequeno dos dois edifícios inspirados em velas marítimas e conchas da famosa Ópera de Sydney. A sala de concertos maior ficava ao lado, vazia de momento.

Durante anos, Kurt planeara visitar Sydney e aí assistir a um espetáculo. Beethoven ou Wagner teria sido agradável, e quase fizera a viagem quando os U2 estavam no local, mas o momento não se mostrara apropriado. Infelizmente, agora que ele por fim o conseguira, o único som que lhe chegava do palco era um discurso académico e seco que o estava a pôr rapidamente a dormir.

Encontrava-se lá para a Conferência Muldoon, sobre Mineração Subaquática, promovida por Archibald e Liselette Muldoon, um casal australiano rico que fizera fortuna através de quatro décadas de empreendimentos de mineração arriscados.

Kurt fora oficialmente convidado por causa da sua experiência em recuperação subaquática e devido à sua posição como diretor de Projetos Especiais para a Agência Nacional Marinha e Submarina¹. Mas parecia que os Muldoon também o queriam lá devido à fama que ele adquirira na indústria de recuperação de bens afundados, se é que, na verdade, existia tal coisa.

¹ Referência à *National Underwater and Marine Agency*, mais conhecida pelo seu acrónimo NUMA. (N. do T.)

Na última década, estivera envolvido numa série de eventos de grande importância. Algumas dessas façanhas eram confidenciais, com nada mais do que rumores capazes de sugerirem que algo deveras acontecera. Outros eventos eram públicos e bem conhecidos, incluindo uma batalha recente para limpar um enxame de micromáquinas autorreplícáveis do Oceano Índico antes que estas alterassem os padrões climáticos na Índia e na Ásia, deixando, potencialmente, milhares de milhões à fome².

Para além de qualquer notoriedade que pudesse ter adquirido, Kurt era facilmente reconhecível. Tinha a aparência de quem estava habituado a viver ao ar livre, rosto bronzeado, com cabelo que era prematuramente de um cinzento-prateado e olhos penetrantes de um intenso tom azul. Tudo isso significava que a sua ausência de qualquer evento em particular seria facilmente notada, algo que a constante atenção de um ou de ambos os Muldoon conseguira evitar até esse momento.

Decerto, eles tinham sido muito agradáveis, porém, após três dias de seminários e apresentações, Kurt estava a planear uma fuga.

Quando as luzes diminuíram e o orador iniciou uma apresentação de fotografias, Kurt apercebeu-se da oportunidade de que estava à espera. Retirou o telemóvel e premiu o botão que o fez zumbir audivelmente como se estivesse a tocar.

Alguns olhares voltaram-se na sua direção.

Ele encolheu os ombros num frouxo pedido de desculpas e levou o telefone ao ouvido.

— Fala Austin — sussurrou ele para ninguém. — Muito bem — acrescentou, com a mais séria das entoações. — Pois. Bem. Isso não me agrada nada. Claro. Vou já tratar do assunto.

Fingiu desligar e voltou a pôr o telefone no bolso.

— Há algum problema? — perguntou a Sr.^a Muldoon, de um assento um pouco mais à frente.

— Ligaram-me do escritório — disse ele. — Tenho de verificar uma coisa.

— Tem de se ir já embora?

Kurt assentiu com a cabeça. — Uma situação que tem vindo a piorar há vários dias atingiu o seu ponto de rutura. Se eu não for já tratar do assunto, poderá ser desastroso.

² Referência a *Mar de Ganância*, dos mesmos autores e publicado por esta mesma editora. (N. do T.)

Ela estendeu o braço e agarrou-lhe na mão. Parecia desanimada. — Mas o Kurt está a perder a melhor parte da apresentação...

Ele fez uma careta. — É o preço que tenho de pagar.

Depois de se ter despedido dos Muldoon, Kurt levantou-se e caminhou pelo corredor até às portas da entrada. Empurrou-as e correu escada acima para o salão. Receando ser apanhado numa conversa se encontrasse outros participantes, cortou à esquerda, esgueirando-se por um corredor curvo em direção a uma porta lateral que não se encontrava indicada.

Abriu-a e saiu para o ar húmido da noite australiana. Para sua surpresa, reparou que não estava sozinho.

Uma jovem, sentada no degrau à sua frente, ajustava o salto de um sapato de tiras e usava um vestido de noite branco, com uma flor branca a condizer no cabelo de um louro-arruivado. Kurt pensou que talvez fosse uma orquídea.

Ela levantou os olhos, assustada com o seu aparecimento repentino.

— Não era minha intenção assustá-la — explicou ele.

Por momentos, ela pareceu-lhe apoplética, como se tivesse acabado de roubar as Joias da Coroa, ou algo semelhante. Em seguida, olhou em volta e voltou a examinar o sapato, abanando o salto para a frente e para trás até a pequena ponta delicada se lhe ter partido na mão.

— Isso provavelmente não irá ajudar — aventou Kurt.

— Eram os meus sapatos favoritos — disse ela com um melódico sotaque australiano.

— São sempre os que se parecem estragar.

Abatida, mas exibindo um admirável bom senso, descalçou o outro sapato e quebrou-lhe o salto, depois comparou ambos.

— Pelo menos combinam — disse ele, estendendo-lhe uma mão. — Kurt Austin.

— Hayley Anderson — respondeu ela. — Proprietária orgulhosa dos mais caros sapatos rasos em toda a Oz.

Kurt teve de se rir.

— Suponho que esteja a escapar-se ao orador principal — afirmou ela.

— Confesso-me culpado — admitiu. — Mas será que me pode censurar?

— Nem por sombras — respondeu ela. — Se eu não precisasse de aqui estar, teria ido para a praia.

Ela levantou-se e deu um passo em direção à porta pela qual Kurt tinha saído. Parecia uma pena terminar tão depressa esse encontro.

— Os sapatos rasos são bons para andar na areia — sugeriu Kurt. — Quase tão bons como andar descalço.

— Desculpe — disse ela —, não posso perder a conversa ou alguém irá ficar furioso comigo. O senhor poderia voltar comigo. Prometo mantê-lo entretido.

— É tentador — disse Kurt. — Mas a minha liberdade duramente conquistada vale bastante neste momento. Se se aborrecer muito, pode encontrar-me na Bondi Beach. Serei aquele que tem roupa a mais.

Ela riu-se de um modo ligeiro e agarrou-se rapidamente à porta. Parecia estar com pressa. Abriu-a e parou. Olhou para além de Kurt. Estava a fitar o outro lado do porto de Sydney.

Kurt voltou-se. Na luz fraca, avistou a curva do rasto de uma lancha que cruzou o porto, aproximando-se perigosamente da frente de um *ferry* que lhe buzinou em jeito de repreensão, porém, a lancha não diminuiu a velocidade.

Um instante depois, Kurt reparou porquê. Um helicóptero de cor escura voava por cima do *ferry*, como um clarão fugaz sobre a embarcação cheia de passageiros, descendo em direção à água numa louca perseguição.

O barco em alta velocidade virou à esquerda e depois à direita, descrevendo um S na água e, intencionalmente, contornando os lados de um barco à vela. Era o caminho de um louco através do porto.

— Deve-se ter passado da cabeça — observou Hayley, olhando, boquiaberta, para o barco.

Kurt examinou bem o helicóptero, um *Eurocopter EC145* azul-escuro. Uma cabine atarracada e bulbosa, que se projetava para a frente, dava-lhe ao nariz uma estranha aparência compacta, qualquer coisa parecida com o focinho de um grande tubarão branco. Um rotor de quatro pás girava em cima, provocando uma mancha branca, enquanto a sua cauda curta, em forma de longarina, terminava em três pequenos estabilizadores verticais, semelhantes a um tridente.

Kurt não viu nenhum letreiro ou luzes de navegação, mas percebeu alguns pontos de luz vindos da porta de carga aberta: clarões de disparos.

Pegou no telefone e ligou para o 112. Nada aconteceu.

Hayley deu um passo em frente. — Estão a disparar. Estão a tentar matar aquelas pessoas.

— Qual é aqui o número das emergências?

— Zero-zero-zero — disse ela.

Kurt digitou-o e pressionou o botão de chamada. Quando esta foi

atendida, já a lancha se virara de frente para a Ópera de Sydney. Corria para eles a toda a velocidade, visando o passeio marginal que se projetava no porto como um grande molhe.

A maior parte desse passeio era uma parede de cimento armado, mas um único lançaço de escadas do lado esquerdo descia até à água. A lancha em alta velocidade estava a traçar uma linha na direção deles. O helicóptero seguia-a, com o atirador furtivo a tentar preparar um tiro mortal.

Mais pontos de luz irromperam pela porta.

A lancha deu uma guinada para a esquerda quando o som do tiroteio alcançou a costa. Desviou-se um pouco, depois voltou ao seu curso normal e atingiu a escada em alta velocidade. Voou pelo ar, descrevendo um ângulo como um carro acrobático lançando-se de uma rampa de salto na diagonal. Saltou quinze metros e rolou até metade do percurso antes de embater de lado.

A partir daí, o barco derrapou pelo pátio de cimento, esbarrou num candeeiro e desfez-se. Pedacos de fibra de vidro esvoaçaram em todas as direções quando o poste do candeeiro se dobrou e as lâmpadas explodiram com um clarão.

— Serviço de emergência — disse uma voz ao telefone.

Kurt estava demasiado hipnotizado pelo acidente para responder.

— Está? Fala o serviço de emergência.

Quando o barco despedaçado parou, o *Eurocopter* tropejou por cima dele, quase embatendo no topo da Ópera de Sydney.

Kurt passou o telefone a Hayley. — Obtenha ajuda — gritou ele, descendo rapidamente as escadas. — Ligue para a polícia, para as ambulâncias, para a guarda nacional, para qualquer coisa que eles tenham.

Kurt não fazia ideia do que estava a acontecer, no entanto, mesmo do cimo da plataforma, podia ver duas pessoas presas no barco destroçado e um cheiro a combustível a ser derramado.

Chegou ao fim da escada, correu uma curta distância e saltou por cima de uma parede para o passeio. Enquanto corria para o barco despedaçado, a hélice que ainda girava tocou no cimento da passagem, provocando uma chuva de faíscas. Estas voaram para os vapores de gasolina e ouviu-se o rugir de uma explosão.

Na sequência da mesma, um mar de chamas ergueu-se onde o combustível saído do tanque roto fora derramado.

Apesar da conflagração, Kurt continuou a correr.

...

A cento e vinte metros mais acima e a quilómetro e meio de distância, o *Eurocopter* descreveu uma curva acentuada por cima dos subúrbios de Sydney.

Apesar de ter o arnês posto, o atirador estendeu uma mão e segurou-se.

— Calma — gritou ele.

Já estava a lutar com a espingarda de canos longos *Heckler & Koch*, tentando colocar-lhe uma carga de alta capacidade com cinquenta tiros. A última coisa de que ele precisava era de ser atirado para fora do helicóptero.

— Temos de voltar a passar — gritou o piloto. — Temos de nos certificar de que eles estão mortos.

O atirador duvidava de que alguém pudesse ter sobrevivido ao acidente, mas não lhe cabia a ele decidir. Quando o helicóptero ficou nivelado, desistiu de colocar a carga e optou por um carregador mais comum de dez tiros.

— Mantém-te firme desta vez — exigiu ele. — Preciso de uma plataforma estável para atirar.

— Está bem — respondeu o piloto.

O atirador furtivo aproximou-se mais da porta aberta, pondo um joelho no chão e esticando a outra perna para se apoiar no degrau que estava logo acima do patim de aterragem do helicóptero.

Eles tinham regressado nesse momento e estavam a aproximar-se, mais lentamente, do telhado em forma de velas de barco da Ópera de Sydney. Aprontou a corredeira e preparou-se para disparar.

Quando Kurt alcançou o barco despedaçado, o fogo já se tinha apoderado da popa. Um indivíduo curvado no banco do passageiro estava a tentar libertar-se. Kurt soltou-o e arrastou-o de lado, ignorando os seus gritos de dor.

A quinze metros do barco, Kurt deitou o homem ferido, apercebendo-se da forma inusitada como as suas mãos e dedos se curvaram. Era uma visão suficientemente estranha para lhe ficar gravada na mente, mesmo enquanto ele voltava a correr para ir ajudar o piloto.

Lutando contra o fumo acre, Kurt entrou no barco. As chamas já lambiam as costas do indivíduo.

O homem da NUMA tentou puxar o indivíduo para cima, mas este encontrava-se preso pela secção esmagada do painel de controlo.

— Deixe-me — gritou o homem. — Ajude o Panos.

— Se for esse o seu passageiro, encontra-se seguro — gritou Kurt. — Ajude-me agora a tirá-lo daqui.

O homem fez força e Kurt puxou por ele, mas o painel esmagado mantinha-o bem preso. Kurt sabia que eles precisavam de uma alavanca. Pegou num gancho náutico semelhante a um arpão, que se encontrava no que restava da proa, e colocou-o entre o piloto preso e os destroços retorcidos.

Apoiando-se nele com todo o seu peso, Kurt abriu algum espaço entre o piloto e o painel. — Agora! — gritou ele.

O homem abanou a cabeça. — Não posso — lamentou. — Não consigo sentir as minhas...

Num recuo repentino, a cabeça do piloto do barco retrocedeu com um estalo e o sangue espalhou-se pelo painel de instrumentos. O fumo rodou com uma nova intensidade e as chamas crescentes dançaram em direções estranhas, à medida que as rajadas de vento provocadas pelos rotores do helicóptero desciam sobre eles.

Percebendo que o piloto estava morto e que provavelmente ele seria o próximo, Kurt saltou para o chão por um dos lados do barco.

Os projéteis choviam da esquerda para a direita enquanto ele se tentava proteger.

Escondido no fumo, Kurt levantou os olhos. O *Eurocopter* pairava a menos de vinte metros e ele conseguia ver o atirador à procura de um alvo, movendo o cano longo da espingarda para a frente e para trás. Em seguida, o helicóptero desviou-se para a esquerda e deu meia-volta.

O atirador deve ter visto o passageiro ferido a coxear pelo passeio e começou a disparar intensamente.

Os ricochetes atingiram o espaço em volta do homem até que uma bala encontrou o seu alvo e fez com que o pobre indivíduo caísse de joelhos. Antes que o atirador pudesse acabar com ele, outra pessoa que estava na rua chegou a correr. Era Hayley. Ela arrastou o homem inerte para trás de um grande vaso de cimento com plantas e baixou-se.

O atirador abriu fogo uma vez mais, com os projéteis a arrancarem pedaços de cimento e de terra. Mas o vaso poderia muito bem ser um saco de areia gigante. Era demasiado espesso para que as balas o penetrassem.

O helicóptero começou a deslizar para o lado. Kurt tinha apenas alguns segundos antes de o atirador encontrar uma linha de fogo desimpedida.

Voltou a pegar no gancho de madeira do barco, cuja ponta estava agora em chamas. Agarrou-o pelo meio, correu para a frente e lançou-o como um dardo.

O helicóptero estava agora ao lado do local onde ele se encontrava, e a lança de fogo dirigiu-se para a porta de carga aberta como um míssil teleguiado.

Atingiu o alvo mesmo em cheio e não acertou no atirador por uma questão de centímetros. No entanto, alojou-se na cabine, espalhando uma onda de chamas no processo. Não demorou até que o fumo começasse a sair por uma das portas laterais do helicóptero. Kurt viu o corpo do atirador irromper em chamas, e apenas pôde pensar que atingira uma conduta de combustível ou de oxigénio.

A luz alaranjada do fogo surgiu através do helicóptero enquanto este começava a virar. Por um segundo, parecia que o piloto iria recuperar o controlo e acelerar através do porto, mas o ângulo da curva ficou mais apertado, e o helicóptero começou a girar sobre si mesmo em direção à sala de concertos. Por essa altura, o interior da cabine transformara-se num inferno, com fumo a sair dela em todas as direções.

A arder, a cair e a acelerar ao mesmo tempo, o *Eurocopter* voou direito à famosa parede envidraçada da sala de concertos, estilhaçando os painéis de vidro transparente de quinze metros. Os fragmentos provocados pelo impacto explodiram para o interior, enquanto outras secções caíam, como enormes folhas que se desfaziam em milhares de fragmentos logo que atingiam o chão.

O helicóptero desceu abruptamente com a sua tripulação, com os rotores danificados e o que restava do mastro a girar como um cortador de ervas daninhas fora de controlo. Tombou com grande ruído. Em instantes, era uma forma que mal se reconheceria, no centro de um pequeno inferno.

Por essa altura, as unidades de emergência estavam a chegar. Um esquadrão de polícias de patrulha corria a pé. Camiões de bombeiros começavam a surgir. Trabalhadores da Ópera de Sydney saíram a correr com extintores. Outro grupo abriu uma mangueira de incêndio ligada a uma escora na parede.

Kurt tinha a certeza de que tal não iria ajudar os ocupantes do helicóptero, nenhum dos quais se conseguiria livrar das chamas.

Dirigiu-se para Hayley e para o único sobrevivente do barco. O homem estava deitado nos braços dela. O sangue empapava-lhe o vestido branco. A jovem tentava desesperadamente impedir que ele sangrasse até à morte onde as duas balas o tinham atingido.

Era uma batalha perdida. Os projéteis haviam-lhe atravessado o corpo, entrando-lhe pelas costas e saindo-lhe pelo peito.

Kurt agachou-se e ajudou-a a manter a pressão nos ferimentos. — Você é o Panos? — perguntou ele.

Os olhos do homem abriram-se por momentos.

— É o Panos?!

Ele assentiu vagamente.

— Quem eram aquelas pessoas que o atingiram?

Não houve resposta. Nada, para além de um olhar vazio.

Kurt ergueu a cabeça. — Precisamos de ajuda aqui! — gritou, procurando um paramédico.

Dois homens estavam a correr na direção deles, mas não eram socorristas. Para Kurt pareciam ser polícias à paisana que pararam subitamente quando ele olhou na direção deles.

— Eu trouxe... o que tinha sido prometido — informou o ferido com um sotaque que Kurt pensou ser grego.

— De que é que está a falar? — perguntou Kurt.

O homem murmurou qualquer coisa e depois estendeu uma mão a tremer, na qual agarrava várias folhas de papel manchadas de sangue.

— Tártaro — pronunciou ele, com uma voz fraca e vacilante. — O coração... do Tártaro.

Kurt pegou nos papéis. Estes estavam cobertos de símbolos estranhos, de linhas rodopiantes e do que lhe parecia ser cálculos.

— Que é isto? — perguntou Kurt.

O homem abriu a boca para explicar, mas nenhum som saiu.

— Fique connosco — gritou Hayley.

Ele não respondeu e ela começou a fazer reanimação cardiopulmonar. — Não podemos deixar que ele morra.

Kurt tentou medir-lhe o pulso. Não o sentiu. — É tarde de mais.

— Não, não pode ser — retorquiu ela, comprimindo o peito do homem rapidamente e tentando reanimá-lo.

Kurt fê-la parar. — Não adianta, ele perdeu muito sangue.

Ela olhou para ele, com o rosto manchado de fuligem e de lágrimas e com o vestido branco cheio de manchas vermelhas.

— Sinto muito — disse ele. — A Hayley tentou.

Ela sentou-se e virou-se, parecendo exausta. O cabelo rodeava-lhe o rosto enquanto olhava para o chão. O corpo tremia-lhe à medida que soluçava.

Kurt pôs-lhe uma mão no ombro e olhou para os estragos que os rodeavam.

Os destroços do barco ainda ardiam no passeio, enquanto a estrutura em chamas do *Eurocopter* se encontrava onde a fachada da sala de concertos deveria estar. Havia voluntários a molhá-lo com mangueiras, tentando desesperadamente evitar que ele atesse fogo ao edifício, enquanto os espectadores abandonavam o discurso de abertura acerca da mineração subaquática, metade deles a observarem, como papalvos, enquanto o resto se afastava rapidamente na outra direção.

Tudo acontecera com uma grande rapidez. O caos assaltara-os vindo do nada, e o único homem que poderia saber o que se passava era o morto que estava a seus pés.

— Que disse ele? — perguntou Hayley, enxugando as lágrimas. — O que é que ele lhe disse?

— Tártaro — respondeu Kurt.

Ela fitou-o fixamente. — Que quer isso dizer?

Kurt não estava convencido se ouvira bem o que o homem dissera. Mesmo que tal fosse o caso, não fazia sentido.

— É uma palavra da mitologia grega — explicou ele. — A prisão mais profunda do submundo. De acordo com a *Iliada*, tão abaixo do Hades como o Céu está acima da Terra.

— Que é que acha que ele estava a tentar dizer-nos?

— Não faço ideia — respondeu Kurt, encolhendo os ombros e entregando-lhe os papéis.

— Talvez seja onde ele pensa que vai. Ou — acrescentou ele, considerando a sujidade, poeira e fedor que cobriam o pobre homem — talvez seja o lugar onde ele esteve.